



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LETRAS INGLÊS**

**NATHÁLIA SANTOS BARBOSA**

**AS MASCULINIDADES EM A BELA E A FERA**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

NATHÁLIA SANTOS BARBOSA

**AS MASCULINIDADES EM A BELA E A FERA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação  
/Departamento do Curso de Letras Inglês  
da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de licenciatura em Letras Inglês.

**Orientador:** Prof. Me. Giovane Alves de Souza.

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B239m Barbosa, Nathalia Santos.  
Masculinidades em A Bela e a Fera [manuscrito] / Nathalia Santos Barbosa. - 2023.  
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

\*Orientação : Prof. Ms. Giovane Alves de Souza, Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC. \*

1. Masculinidade. 2. Conto infantil. 3. Análise literária. I

Título

21. ed. CDD 801.95

NATHÁLIA SANTOS BARBOSA

AS MASCULINIDADES EM A BELA E A FERA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Letras Inglês.

Aprovada em: 20/11/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Giovane Alves de Souza

Prof. Me. Giovane Alves de Souza (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Valécio Irineu Barros

Prof. Dr. Valécio Irineu Barros  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Tatiane Pereira Fernandes

Profa. Ma. Tatiane Pereira Fernandes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Média: 8,0

Aos meus pais e aos meus colegas de turma Austieremies e lago pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
2 MASCULINIDADE.....	07
3 TEORIA DA ADAPTAÇÃO.....	10
4 MASCULINIDADES EM <i>A BELA E A FERA</i> .....	12
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	19

## AS MASCULINIDADES EM A BELA E A FERA

## MASCULINITIES IN BEAUTY AND THE BEAST

Nathália Santos Barbosa\*

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar os personagens masculinos e suas formas de masculinidade nos contos infantis, usando como objeto de estudo “A Bela e a Fera” de Beaumont (1756). Ao longo da pesquisa, veremos as formas de comportamento e características dos personagens príncipes e como eles vêm passando por alterações ao passar dos anos com base nas contribuições de Hutcheon (2013) e seus traços de personalidade e suas masculinidade de acordo com as contribuições teóricas de Zipes (2007), observando como tais mudanças enriquecem as histórias com os anos.

**Palavras chave:** Artigo. Contos. Masculinidade.

### ABSTRACT

This article aims to analyze the male characters and their forms of masculinity in children's fairy tales, using "Beauty and the Beast" by Beaumont (1756) as the study object. Throughout the research, we will explore the behavioral patterns and characteristics of the prince characters, examining how they have undergone changes over the years based on Hutcheon's theories (2011) regarding personality traits and masculinity and Zipes' (2007) theories, observing how such changes enrich the stories over time.

**Keywords:** Article. Fairy tales. Masculinity.

## 1 INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias é presente em sociedade desde os primórdios. Inicialmente as pessoas compartilhavam umas com as outras relatos do dia a dia, depois disso, vieram os mitos e lendas até que chegassem aos contos de fadas. As histórias de “Era uma vez” começaram com o objetivo de ensinar que o bem sempre vence o mal e mostrar que os personagens bonzinhos, no caso os mocinhos, sempre alcançavam o tão sonhado “final feliz”.

Os historiadores e antropólogos estudam os contos de fadas levando em conta o contexto histórico e sociocultural no qual eles foram criados, uma vez que há uma associação das histórias com os costumes e mentalidade da época. Os contos de fadas se espalharam e passaram de geração para geração, tornando-se um patrimônio histórico. As histórias de princesas, príncipes, rainhas e bruxas malvadas se propagaram por todo o mundo, passando por diferentes sociedades e sofrendo alterações de cada povo, ocasionando apropriação cultural, o que faz com que os

\* Nathália Santos Barbosa (nathalia.santos.barbosa@aluno.uepb.edu.br)

contos de fadas sejam considerados histórias universais. Durante o reinado de Luís XIV na França, no século XVII, Charles Perrault (1628-1703) fez a publicação de um livro com narrativas da memória popular, seu título era “Contos da mãe gansa” em 1697. Após cem anos, os irmãos Grimm produziram outra coletânea de narrativas, entre 1812 e 1822, e fizeram a publicação de um volume com o título de “Contos de fadas para crianças e adultos”, dando início a Literatura Clássica Infantil.

Hueck (2017), mostra que, apesar do nome conto de fadas, as histórias apresentam muito mais do que apenas o seu final feliz:

Por trás dos enredos simples estão narrativas sobre vida e morte, alegria e tristeza, conquista e derrota – que falam diretamente com o mundo interior dos leitores. Quem lê as histórias acredita que metamorfoses sejam possíveis e que mesmo o mais desajustado dos protagonistas possa encontrar a redenção. Escondidas nos contos de fadas estão inquietações que todos nós já sentimos e soluções para problemas que parecem enormes. Isso os torna universais (Hueck, 2017, p.13).

Hueck (2017) também nos mostra que os contos de fadas eram também contos utilizados como forma de alerta, eles eram utilizados para mostrar às crianças os perigos da vida real:

[...] por trás das histórias que conhecemos, havia um mundo ainda mais assustador. Nos seus primórdios, contos de fadas eram mais violentos, cruéis e indecentes do que imaginamos. [...]. Por trás de cada um dos contos originais estão séculos de mitologia e folclore que contribuíram para criar o mundo de fantasia que conhecemos e de cujos componentes ainda são feitos nossos sonhos (Hueck, 2017, p.14).

Os contos de fadas seguem em constante mudança, a cada geração por que passam e novos contos de fadas são criados com novos ensinamentos para as crianças das novas gerações.

Quando pensamos em contos de fadas, é provável que imaginemos imediatamente as princesas, o que é normal, já que as histórias giram em torno delas. Com o passar dos anos, a figura masculina se tornou cada vez mais ausente, com produtoras como a Disney criando princesas mais independentes como, por exemplo, a princesa Elsa do filme Frozen de 2014, escrito e dirigido pela norte americana Jennifer Lee. Com isso, vemos que as meninas que consumirem esses conteúdos tenderão a se tornar mais independentes e não verão a necessidade de uma figura masculina para ser o seu grande salvador, como era visto em contos de fadas mais antigos, como “A Branca de Neve”. Com os discursos feministas cada vez mais fortes em nossa sociedade, é possível que a ausência dos príncipes se torne algo comum nos filmes infantojuvenis voltados para meninas, mostrando que a mulher consegue, sim, fazer tudo o que quiser sem precisar de um homem ao seu lado. Uma mulher pode, sim, ser uma rainha ou uma guerreira, como mostrado em Mulan, filme de 1998 escrito por Rita Hsiao e dirigido por Tony Bancroft e Barry Cook.

O presente artigo constitui uma pesquisa de tipologia qualitativa e descritiva, pois tem como objetivo analisar, através do conto de fada, a estereotipação da figura masculina, utilizando os personagens príncipes, observando que todos apresentam características semelhantes, em grande parte dos contos de fadas populares. O



conto utilizado como objeto de estudo é “A Bela e a Fera”, de Beaumont (1756), sua animação de 1991 e o *live action* de 2017, focalizando a figura masculina da história e as semelhanças apesar das diversas datas de publicação, como a figura forte e salvadora, que virá lutar contra qualquer tipo de perigo, em que a personagem princesa esteja envolvida, para salvá-la, seja com sua espada ou com um beijo de amor verdadeiro. A pesquisa se enquadra como qualitativa por ter como seu foco aprofundar-se na obra e problematizar a forma estereotipada como os personagens príncipes são descritos nas obras escolhidas para estudo, nas quais eles são apresentados como solução para todos os problemas das personagens princesas. Também é considerada descritiva, por descrever fenômenos. Segundo Vergara (2000, p.47), a pesquisa descritiva apresenta características de uma determinada população e mostra uma definição. Vergara também diz que este tipo de pesquisa não tem compromisso de explicar o que descreve, embora seja uma boa base para explicação.

A análise será feita utilizando como base principal contribuição teórica de Hutcheon (2011), que discute a importância das adaptações, a autora levanta que a adaptação não é realizada somente por meio de produções cinematográficas, mas também por videogames, músicas e teatro. Hutcheon também traz o conceito de "metaficção historiográfica", que se refere a adaptações que reconhecem e exploram de maneira consciente a natureza histórica e interpretativa da narrativa em vez de simplesmente repetir, mais uma vez, a obra fonte, essas adaptações refletem sobre o ato de adaptação em si e questionam as construções de significado. Outro aporte teórico é o de Jack Zipes (2007), que traz essa perspectiva da diferença entre os tipos de masculinidade presentes em contos de fadas e como ocorrem suas mudanças com o passar do tempo. Zipes, em suas análises, destaca como alguns contos de fadas tradicionais reforçam essas noções prejudiciais de masculinidade. No entanto, também é importante notar que, ao longo do tempo, muitos contos de fadas foram adaptados para refletir valores mais progressistas e igualitários. As narrativas modernas, na maioria das vezes, procuram desafiar esses estereótipos, promovendo uma compreensão mais saudável e inclusiva da masculinidade.

Com a teoria de Hutcheon (2011), será possível visualizar o motivo pelo qual as mudanças entre o *live action* e a obra fonte ocorrerem e como os autores usam como uma forma de ver e trazer uma nova obra utilizando o significado por trás da fonte, abordando ideias com lutas mais recentes, mas sem perder o fio da história, sendo trazida também como uma forma de homenagear grandes clássicos. Essas mudanças, muitas vezes, ocorrem não no enredo, mas sim na forma como os personagens são abordados, a exemplo dos personagens príncipes, que são descritos com menos brutalidade, algo que é trazido por Zipes (2007), que aponta a mudança em suas formas de masculinidade como um momento de autodescoberta e mostra suas várias formas, fazendo com que mais garotos se sintam representados pelos príncipes.

## **2 MASCULINIDADE**

Nos tempos atuais, é possível ver os contos de fadas como uma representação da realidade para as crianças, com isso, vimos que cada vez mais eles vêm sendo adaptados a situações que vivemos atualmente. Assim como os contos de fadas tradicionais, que são fontes para novas versões, a criação de novos contos tem se

tornado cada vez mais presente na indústria cinematográfica, para que mais crianças se sintam incluídas nessas histórias. A primeira princesa que foi criada para quebrar o formato clássico foi Mulan (1998), que largou o casamento para virar uma guerreira, se disfarçando de soldado para seguir seu sonho de defender a China. Isso se tornou ainda mais forte com Frozen (2013), onde a rainha Elsa não teve nenhum par e ainda questionava o casamento de sua irmã com um homem que mal conhecia. Com essas novas princesas e rainhas, as meninas viam um outro formato de conto de fadas, onde um marido não se tornava tão necessário e que elas podiam ser autossuficientes.

As crianças veem os contos de fadas como uma maneira mais simples de entender o mundo, enquanto fazem as leituras dessas histórias elas passam por uma sessão de aprendizagem, onde elas encontram a lição, o escape, a fantasia e o consolo. Sobre esse aspecto, diz Bettelheim:

Através dos séculos (quando não dos milênios) durante os quais os contos de fadas, sendo recontados, foram-se tornando cada vez mais refinados, e passaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e encobertos – passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de uma maneira que atinge a mente ingênua da criança tanto quanto a do adulto sofisticado (Bettelheim, 1980, p.14).

A criança que entra no mundo de fantasias dos contos de fadas, encontra tudo o que precisa e de maneira muito mais fácil do que seria com alguém lhe contando histórias verdadeiras, por exemplo. Com a magia dos mundos fantásticos, elas conseguem ser consoladas de todas as suas dificuldades.

Para os meninos, apresentarem interesse ou gostarem de contos de fadas e princesas é algo visto como errado por muitos pais, já que quando o filho nasce do sexo masculino a primeira coisa que a figura paterna pensa em fazer com seu filho é jogar futebol, por exemplo. Enquanto as meninas gostam de fadas, bruxas e princesas, os meninos tendem a gostar de carros, futebol e heróis, pois são coisas que reforçam sua masculinidade, mesmo sendo apenas uma criança. O famoso azul é de menino e rosa é de menina, se tornou algo ainda mais forte em nossa sociedade, apesar das várias tentativas de quebra do padrão que afirmam que as cores não possuem gênero. Quando os meninos vão para a escola, eles tendem a provar sua masculinidade para outros colegas, muitas vezes, com comentários que carregam machismo, homofobia e transfobia. Segundo Junqueira (2009), essa prática visa a:

Obrigam os que estão sendo provados a afirmarem diante dos demais suas virilidades por meio da violência física [...], de demonstrações de intrepidez e de atos voltados a degradar e depreciar o “outro” por meio de insultos e humilhações de cunho sexista, homofóbico ou racista, que agem como mecanismos psicológicos ou ritualísticos voltados a instituir ou a reforçar suas auto-imagens e identidades sociais masculinas e viris [...] (Junqueira, 2009, p.21).

Quando consideramos a história desde seu início, vemos que as mulheres sempre foram postas como domésticas por várias crenças e religiões. Olhando por um ponto da sociedade católica, o homem é aquele que traz sustento para dentro de

casa e o dever da mulher seria apenas de cuidar de sua família e educar seus filhos. Com o passar do tempo, os papéis foram mudando e agora as mulheres também trabalham fora, mas quando paramos para pensar, com a decisão de trabalhar fora o trabalho dobra, pois ao chegar em casa é necessário fazer os serviços domésticos para o dia seguinte.

Nascemos machos e fêmeas, mas com o passar do tempo a sociedade nos molda da maneira desejada e assim recebemos os títulos de homens e mulheres. Desde o nascimento as crianças entram em contato com uma cultura sexista que vem de uma geração passada, segundo a qual a última palavra sempre deveria ser do homem. Assim, quando as meninas vão crescendo, é possível identificar uma certa revolta com o sexo masculino por medo de se tornarem mulheres submissas, já que a maioria dos pais tem um exemplo de casamento, onde a figura masculina sempre é mais forte do que a mulher.

Nos contos de fadas podemos identificar o poder dos homens com a figura dos príncipes encantados que são colocados como solução de qualquer problema encontrado pela mocinha. Em “A Branca de Neve” (1812), a princesa passava por problemas devido a crueldade de sua madrasta e ausência de seu pai, porém, quando o príncipe chega na história e encontra “Branca de Neve” em coma por conta de seu envenenamento, o beijo de amor verdadeiro a cura e eles se casam, vivendo o tão sonhado “felizes para sempre”. Em outras histórias, o formato se repete e a solução sempre está no casamento, colocando a mocinha em uma posição em que ela sozinha não é o suficiente para sua felicidade. Sabemos que a época na qual esses contos foram escritos influenciam bastante nessa visão de casamento e que aos poucos os contos vêm passando por mudanças, onde alguns nem mesmo apresentam mais a figura dos príncipes.

Quando falamos da inferioridade feminina, pensamos logo em quando é dito que a mulher é mais fraca que o homem em força física, isso é uma questão que muda de pessoa para pessoa, mas este fato já foi até mesmo romantizado pela sociedade, como no simples ato de abrir um pote, no qual uma mulher precisaria da força masculina. Nos contos de fadas, podemos ver isso no momento que em o príncipe vai à luta para salvar a princesa como se seu corpo fosse indestrutível, salvar a mocinha de dragões, torres, monstros malvados, tudo pode ser resolvido com sua força e virilidade, mas será que elas não poderiam se salvar sozinhas? Com isso, levantamos um segundo ponto da sociedade, no qual a mulher é criada somente para casar e cuidar de seus maridos e filhos, quando vemos ou lemos os contos de fadas, vemos que as princesas crescem e são educadas para estarem bonitas, aprendem a costurar e como educar seus filhos, são poucas as princesas que são ensinadas a lutar ou a não acreditarem na necessidade de um casamento. As mulheres são responsáveis por invenções importantes, já lutaram por diversas conquistas que temos hoje em dia, mas por que no mundo infantil as histórias continuam dando tanta importância para o papel masculino na vida feminina? A criação de princesas mais empoderadas, causa estranhamento por parte dos adultos que, muitas vezes, até proíbem seus filhos de consumir certas animações, para que suas filhas não tomem como exemplo princesas como a Elsa de Frozen (2013).

Os homens vêm sendo colocados nessa posição de poder por muito tempo e

quando se relacionam com uma mulher que reivindica igualdade, muitas vezes se sentem assustados e diminuídos, aqueles que concordam com posições similares são postos como mais fracos e dominados por suas companheiras. Com as lutas feministas criando cada vez mais força, também é possível ver o quão os homens se sentem incomodados, destacando os mais velhos, comentários como “só podia ser mulher”, “mulher é para ficar em casa”, “mulher só pilota fogão”, são comuns de serem ouvidos pelas ruas e, às vezes, são ditos por outras mulheres que se sentem em uma posição confortável com o machismo presente na sociedade. Mas não podemos esquecer que também existe homens sem masculinidade frágil, que entendem e até mesmo ajudam as mulheres a terem uma posição justa na sociedade, porém isso é apenas o mínimo a ser feito, reconhecer que o lugar da mulher é onde ela quiser já deveria ser algo óbvio e não uma pauta ainda travada pela sociedade.

No estudo de conto de fadas e sobre o tema de gêneros e masculinidade na literatura infantil, Jack Zipes, um estudioso renomado do campo, examina como os contos de fadas refletem e moldam normas de gênero e como as representações de personagens masculinos e femininos evoluíram ao longo do tempo. Ele desafia as representações estereotipadas e, muitas vezes, questiona a maneira como a masculinidade é tradicionalmente retratada. Zipes (2007) apresenta algumas formas como os príncipes são retratados nos contos, entre elas, a desconstrução dos padrões de gênero, que ocorrem no exagero da masculinidade tradicional. Zipes (2007) observa como esses contos podem ser lidos criticamente para revelar as estruturas subjacentes que reforçam papéis de gênero. Outra forma é a exploração da masculinidade tóxica, Zipes aborda a presença de masculinidade tóxica em contos de fadas, destacando personagens príncipes que exibem comportamentos prejudiciais ou autodestrutivos e discutindo como essas representações influenciam as percepções de masculinidade.

### 3 TEORIA DA ADAPTAÇÃO

Em sua obra *Uma teoria da adaptação*, Hutcheon (2011) afirma que a adaptação não é feita somente por meio de obras cinematográficas, mas também por meio de videogames, ópera, músicas e teatro. A autora mostra que a adaptação tem que ter dois prismas como pontos principais: o produto e o processo. Uma obra pode ser anunciada como uma adaptação e para chegar a esse status passa por um processo de (re)criação, levando sempre em consideração qual seu objetivo final e qual público deseja atingir, para enfim ter seu produto final, que é o filme que vai para as plataformas de streaming e para os cinemas. O processo de (re)criação pode ser visto nas adaptações que estão se tornando cada vez mais frequentes nos últimos anos, como em *A Bela e a Fera*, de 2017, e *A Branca de Neve*, que ainda não tem data de lançamento, um exemplo da (re)criação aparece em *A Branca de Neve* que passou por mudanças no conto original, como a retirada dos anões e também do príncipe de sua história. A princesa também será interpretada por uma atriz latina, o que se afasta ainda mais do conto original que já tem seu início dizendo que a personagem era branca como a neve, algo que não estará presente no filme.

Trabalhar com adaptação como adaptação significa pensá-las como obras inerentemente “palimpsestuosas”, [...], assombradas a todo instante pelos

textos adaptados. Se conhecemos esse texto anterior, sentimos constantemente sua presença pairando sobre aquele que estamos experienciando diretamente. Quando dizemos que a obra é uma adaptação, anunciamos abertamente sua relação declarada com outra(s) obra(s) (Hutcheon, 2011, p.27).

Essas alterações em contos clássicos já é algo comum de se encontrar no mundo cinematográfico, mas algumas pessoas não viram a diferença por não terem tido acesso ao texto fonte. Walter Benjamin (1987) afirma que “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo”. É comum as pessoas dizerem que o filme é melhor do que o livro sem ao menos terem dado a devida atenção ao que o livro quer passar ou até mesmo sem lê-lo. De acordo com o site *Pró Saber São Paulo*, no Brasil cerca de 52% da população tem o hábito de leitura, no período de quatro anos o país perdeu 4,6 milhões de leitores e um dos fatores seria a chegada da tecnologia que traz facilidades e distrações, como por exemplo, as redes sociais. Mas os livros vêm tentando se adaptar a esta onda tecnológica com os audio books, podcasts e o forte nicho de leitores presentes nas redes sociais.

Uma forma que vem atraindo mais leitores com o tempo, é a criação de filmes sobre livros, que após lançamentos de suas adaptações, conseguem um maior número de leitores curiosos. McFarlane (1996) diz que a perspectiva que ignora a intertextualidade não nota a ideia de uma adaptação como exemplo de aproximação entre as artes, além de abandonar fatores que parecem não ter conexão com a obra original, mas que interferem nos filmes produzidos, como as adaptações que são realizadas pelo cinema levando em conta o contexto social. É muito comum telespectadores se questionarem quando vão assistir alguma adaptação, leitores insatisfeitos com cenas que foram acrescentadas que não estavam nos livros ou de cenas que passaram por mudanças para se encaixar melhor na versão feita para as telonas, como o exemplo citado acima da adaptação de *A Branca de Neve*, que mesmo sem seu lançamento, muitos de seus admiradores já reclamam das adaptações realizadas pelo diretor. O processo criativo da adaptação não é levado em conta. De acordo com McFarlane (1996), os principais modelos de transferência estão localizados na categoria distribucional já que eles são transferidos diretamente entre a obra e a adaptação.

Entretanto, o descontentamento pelas diferenças entre o livro e suas adaptações é comum, pois se tratam de obras distintas. Robert Stam (2008, p.20) diz que “[u]ma adaptação é automaticamente diferente e original devido à mudança do meio de comunicação”. Quando o texto passa do livro para o cinema, ele sofre adaptações e mudanças. Com isso, é normal que certamente o livro e o filme não vão ser a mesma coisa, as diferenças vêm da mudança do meio que está sendo utilizado. É o que acontece, por exemplo, em “*A Bela e a Fera*”, já que as grandes mudanças entre as várias versões da obra original foram feitas em tempos totalmente diferentes. A grande mudança vem em seus personagens masculinos que apresentam um comportamento menos agressivo, já que na história de 1991, era importante a afirmação de ser “macho”. Os livros que passam por adaptações, na maioria das vezes, tem o autor perto que ajuda e autoriza as mudanças para que o filme siga de maneira fluida e que no final de tudo a história possa ser entendida até mesmo por quem não leu a obra original, como os filmes produzidos a partir das obras de John Green, como “*Cidade de Papel*” e a “*Culpa é das Estrelas*”.

A linguagem tradicional da crítica à adaptação fílmica de romances [...] muitas vezes tem sido extremamente discriminatória, disseminando a idéia de que o cinema vem prestando um desserviço à literatura. Termos como “infidelidade”, “traição”, “deformação”, “violação”, “vulgarização”, “adulteração” e “profanação” proliferam e veiculam sua própria carga de opróbrio. Apesar da variedade de acusações, sua força motriz parece ser sempre a mesma – o livro era melhor (Stam, 2008, p.20).

A criação do conceito de masculinidade de forma generalizada vem desde o momento em que ele cresce o suficiente para ocorrer a separação entre mãe e filho para que o menino passe pelos “rituais” para “aprender a ser um homem”, geralmente realizando atividades junto ao pai como ir a jogos de futebol e acompanhar assunto sobre carros.

A masculinidade construída é sobre o homem ser sempre firme e nunca demonstrar suas emoções, somente sua força, Novaes e Grossi (2021), trazem questões sobre as marcas simbólicas da masculinidade que ainda são tão presentes, como a que o homem não pode chorar ou demonstrar amor de uma forma mais carinhosa e sim que a virilidade sempre tem que prevalecer e também a agressividade, até mesmo sexual, pois ela demonstra o poder em suas relações sociais.

É nesse momento que o menino “apr(e)ende ser homem”. Seu corpo deve ser portador das marcas simbólicas da masculinidade, e por isso a virilidade se dá com rituais marcados pela dor – não sendo, por exemplo, permitido chorar, exceto em momentos de mortes de familiares –, e pelo medo em não conseguir corresponder socialmente com tais artefatos que devem constituir a sua masculinidade (Novaes; Grossi, 2021, p.3).

E isso também é visto no conto de fadas, com o passar do tempo a imagem do homem vem mudando e isso se reflete nos novos contos. Porém, nos clássicos que refletem os valores e normas sociais da época, é comum ver a masculinidade associada a características como força física, coragem, proteção e liderança é frequentemente destacada nos personagens masculinos dos contos de fadas. Podemos ver essas características em alguns pontos da forma como os príncipes são apresentados, como heróis corajosos que figuram em enredos voltados para a proteção e resgate da mocinha. Eles sempre são líderes e têm importantes títulos sociais e os traços da masculinidade tóxica escrita de forma exagerada, mas também a luta contra ela e a jornada de autodescoberta para se tornar uma pessoa melhor para a mocinha.

#### **4. MASCULINIDADES EM A BELA E A FERA**

Em se tratando de masculinidade presente tanto na animação da Disney de A Bela e a Fera de 1991, seu *live action* de 2017 e o conto original de 1756, vimos uma grande mudança na formulação dos papéis masculinos. A forma de se portar, pensar e sua construção ao todo foram alteradas com o passar dos anos para que se tornassem mais atuais e acompanhassem o pensamento da geração que irá consumir o seu conteúdo, grande parte da qual é composta de crianças.

Nos filmes nos deparamos com dois tipos de masculinidades distintas, Gaston que nos mostra sua parte tóxica que refere-se a uma construção cultural de

características e comportamentos associados ao que é considerado tradicionalmente masculino, mas que são prejudiciais, limitadores e, muitas vezes, nocivos tanto para os próprios homens quanto para as pessoas ao seu redor. Já com Fera, nos é apresentada a masculinidade tradicional que é um conjunto de normas, valores e comportamentos associados historicamente ao que é considerado ser um homem dentro de determinadas culturas e sociedades.

Na animação de 1991, vimos bastante traços de sua época, no início do filme podemos ver um príncipe que é apresentado como rude, mimado e grosseiro, que tem a si próprio como seu único amor. O príncipe, rodeado por belas mulheres, já que no tempo o casamento era a prioridade para que elas tivessem uma boa vida, dando isso, mais poder ao homem enquanto era disputado. Por outro lado, vemos Bela que é considerada estranha por não querer ter um relacionamento e gostar de ficar envolvida em suas leituras. Com isso, vemos Gaston, o primeiro personagem que aponta a masculinidade tóxica que é trazida por Zipes (2007) como presente em contos de fadas mais antigos, é possível frequentemente encontrar representações de masculinidade que valorizam a força bruta, a busca pelo poder e a objetificação das mulheres. Gaston, deseja Bela como sua esposa e com isso critica o hábito de leitura da protagonista.

**Figura 1** - Gaston diz a Bela que mulheres não podem ler.



Fonte: A Bela e a Fera, 1991, estúdios Disney.

Gaston diz a Bela que mulheres não tinham direito de ler, pois com esse hábito elas iriam começar a pensar ao invés de focar em coisas que realmente importam, como o casamento. Já na *live action* de 2017 a mesma cena aparece de forma mais suave, em vez de dizer que mulheres não devem ler, Gaston diz somente que não se interessa por leitura e ao se deparar com a negação de Bela sobre ele, a masculinidade tóxica é posta com sua fala de que ela apenas se faz de difícil para não se entregar facilmente, invalidando sua posição de não querer um relacionamento com ele.

**Figura 2** - Gaston diz que não se interessa por livros.



Fonte: A Bela e a Fera, 2017, estúdios Disney.

Retornando a animação (1991), temos uma cena cortada no filme que mostra bem a mudança realizada no personagem do antagonista para que se adaptasse melhor aos dias atuais, a cena mostra que Gaston prepara um casamento surpresa para Bela afirmando que aquele seria seu grande dia de sorte, pois iria casar-se com o homem mais desejado da vila, mesmo sendo Bela tão estranha. O antagonista mostra os pontos positivos do casamento a partir de seu ponto de vista, que seria um grande número de filhos, ele sairia para trabalhar, ela cuidaria das crianças e da casa e quando o marido chegasse seria recebido com uma massagem nos pés. Ao receber uma resposta negativa sobre o pedido de casamento, Gaston toma uma posição agressiva, indo para cima de Bela, dizendo que ela deve casar-se para não acabar como as solteiras da cidade que vivem de esmolas e ninguém as trata com respeito na vila.

**Figura 3** - Gaston propõe Bela.



Fonte: A Bela e a Fera, 1991, estúdios Disney.

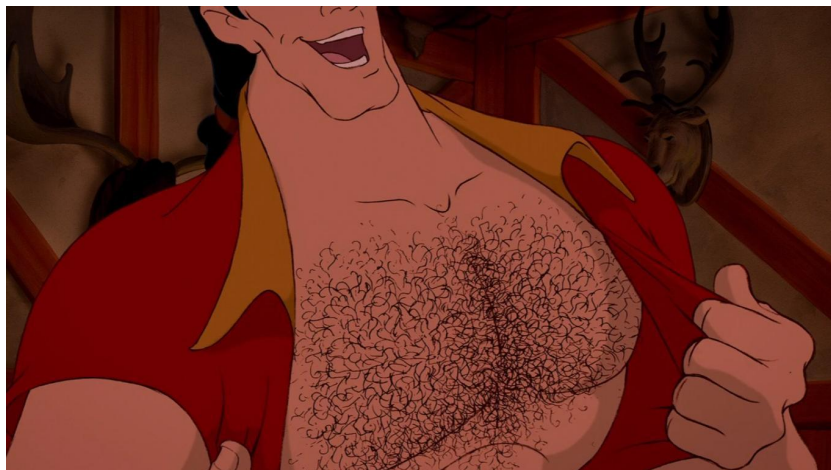
Na adaptação todas essas cenas foram amenizadas por se tratar de uma obra mais recente, a masculinidade tóxica, apesar de ser tratada, não é mostrada de forma tão agressiva como na animação que devido a época que foi lançada, comentários e comportamentos como estes não eram vistos tão mal como nos dias atuais. Gaston é de longe o personagem que mais reforça essa questão durante a obra, o personagem foi criado pela Disney, já que no conto de Beaumont (1756), ele



não existe e as antagonistas de Bela são suas irmãs. A música voltada para Gaston é feita somente para afirmar sua masculinidade, “Macho é Gaston”, todos repetem ao falar de seu comportamento agressivo, sua valentia, brutalidade e até mesmo sobre seus pelos corporais, pois o homem macho é peludo e forte. No filme de 2017, a música é alterada, cortando as partes que citam o estereótipo de macho, em vez disso, engrandecem características próprias do personagem, como o fato dele ser um ótimo caçador e bom em lutas.

Após ouvir tantos “nãos”, Gaston resolve criar um grande plano para que Bela aceite se casar com ele de qualquer forma. Junto com o seu capanga, ele resolve afirmar para todos da vila que o pai de Bela é louco e que apresenta risco para os moradores e a solução seria interná-lo em um asilo. Com essa ameaça, ele poderia negociar a liberdade de seu pai com Bela, colocando como sua única saída casar-se com ele. Essa atitude de Gaston é vista como a crença de que os homens devem ser agressivos, dominadores e competitivos em todos os aspectos da vida, muitas vezes à custa dos outros, como ele faz ao ameaçar o pai de Bela.

**Figura 4** - Gaston durante a apresentação de sua música.



Fonte: A Bela e a Fera, 1991, estúdios Disney.

Enquanto um mostra o reflexo da masculinidade tóxica, o personagem Fera vem trazendo a masculinidade tradicional, algo que é muito comum de se encontrar nos antigos príncipes dos estúdios Disney. Quando o pai de Bela entra no castelo em busca de abrigo por conta do frio causado pela neve, a Fera o torna prisioneiro e a mocinha, muito preocupada com seu pai, se oferece para ficar em seu lugar. Como a Fera precisava de uma garota para quebrar o feitiço feito pela bruxa, aceitou a troca e permitiu que seu pai fosse embora. Em uma tentativa de ser mais receptiva, a Fera oferece um quarto confortável para que a mocinha fique e ordena que ela se junte a ele no jantar, ao perceber que ela não o obedeceu a Fera se mostra agressiva e numa tentativa de mostrar seu poder para a garota, ele ordena que seus empregados não lhe levem comida. Por Bela ser uma simples plebeia, a Fera abusa de seu poder como príncipe, mostrando sua faceta autoritária para que ela o obedeça de qualquer maneira. Esse caráter autoritário é exercido até mesmo nas relações sexuais. Sobre esse ponto, Novaes e Grossi (2021) destacam que:

A masculinidade se define pela possibilidade de ser ativo, o ‘penetrador’, em uma cultura brasileira em que o passivo é visto de forma agressiva, uma

masculinidade a ser rechaçada pois associa-se ao feminino em papéis sexuais (Novaes; Grossi, 2021, p.3).

Da perspectiva de Novaes e Grossi (2021), podemos dizer que o comportamento tomado pelo personagem vem do sistema de hierarquia que é criado durante todo o crescimento dos homens, a noção de hierarquia que é baseada em símbolos de autoridade, mostrando sua força e virilidade.

No conto, Fera não apresenta um comportamento agressivo, pelo contrário, ele sempre ia aos jantares com Bela e conversava com ela, entretanto, ele deixava claras suas intenções com a princesa, de casar-se para quebrar a maldição.

Bela passou três meses muito felizes no palácio. Todas as noites, a Fera a visitava e falava com ela durante a ceia, muito racionalmente, com muito bom-senso, mas nunca com o que o mundo chama de argúcia; e Bela diariamente descobria alguma nova qualidade do monstro (Beaumont, 1756, p.84).

Bela via Fera como alguém doce, porém, sempre se questionava como alguém tão feio poderia ser gentil daquela maneira. O príncipe depositava confiança, cuidados e carinhos pela princesa que a todo tempo levantava o mesmo questionamento “é muito triste que algo tão bondoso seja tão feio” (Beaumont, 1756, p.81). Enquanto no conto, Bela é quem passa pelo processo de aprendizagem e auto descoberta, nas adaptações os autores optaram por mostrar mais essas características em seus personagens masculinos. Como no caso de Fera e de Gaston.

**Figura 5 - Fera encontra Bela.**



Fonte: A Bela e a Fera, 1991, estúdios Disney.

O comportamento rude da Fera é amenizado como problema de forte personalidade e seus empregados falam que para que ele possa conquistar Bela para quebrar o feitiço, ele deve controlar toda a fúria que sente ao falar com a garota. Já no filme de 2017, o personagem traz um jeito menos agressivo, apesar de toda a grosseria, o *live action* trabalha esse lado de Fera como se fosse por conta do tempo que ele anda isolado de todos. Esse isolamento é apresentado no momento em que o príncipe não tem muito contato com Bela, optando por se manter sozinho, apesar de ter outra pessoa em casa, ele se afunda nos livros e aprecia sua própria

companhia. Diferente do desenho que a todo momento a Fera tentava se conectar com a mocinha, passeando no jardim, fazendo atividades em conjunto para criar uma maior conexão, na adaptação essa conexão ocorre a partir dos livros, eles passam a ler juntos por todo o castelo.

**Figura 6** - Fera e Bela se encontram na biblioteca.



Fonte: A Bela e a Fera, 2017, estúdios Disney.

Apesar de não desejar se aproximar da garota por conta de sua origem humilde, ambos acabam se apaixonando. Neste momento do filme, conseguimos ver a teoria da masculinidade em transformação que é trazida por Zipes (2007), ele aborda a transformação da masculinidade nos contos de fadas ao analisar como as representações de personagens masculinos evoluíram ao longo do tempo e como os contos de fadas refletem e influenciam as atitudes sociais em relação ao gênero, o fato do personagem Fera ter mudado a sua forma de se comportar e falar com a Bela, mostra muito essa mudança com o passar do tempo. A Fera passa pelo crescimento e desenvolvimento dos personagens masculinos, quando ele inicia o filme isolado, preso em seu amor próprio e preconceitos de classes e com Bela ele passa pela fase de autodescoberta e crescimento pessoal, o processo de desenvolvimento envolve superação de desafios, a reflexão sobre suas próprias fraquezas, que é o que ocorre com o personagem durante os dois filmes.

É importante observar que as análises de Zipes (2007), não sugerem uma transformação uniforme ou linear da masculinidade nos contos de fadas, mas sim uma exploração das possibilidades e mudanças ao longo do tempo. Cada conto de fadas é único em sua abordagem à masculinidade, e as transformações podem variar dependendo do contexto cultural e da época em que foram criados.

O contexto da época é uma das ideias trazidas por Hutcheon (2011), a autora destaca a importância de considerar o contexto histórico e cultural ao analisar adaptações. As mudanças sociais e culturais podem influenciar significativamente a forma como uma obra é reinterpretada em diferentes momentos e lugares. Essa diferença é vista ao assistir ambos os filmes, enquanto a ideia machista é sustentada na animação de 1991, no *live action* outras ideias são apresentadas. Uma cena em destaque dessa mudança no tempo ocorre durante a luta entre os moradores da vila e os móveis que são os empregados da Fera, pois nela, os homens são atacados por um armário e saem vestidos de mulher. Na animação os

homens ficam horrorizados e saem correndo para que não sejam vistos daquela forma. Enquanto no filme, um dos moradores se mostra feliz ao se ver vestido em trajes femininos e pouco mais a frente, ele é trazido como a representação LGBT do filme.

**Figura 7** - Morador da vila, feliz com os trajes femininos.



Fonte: A Bela e a Fera, 2017, estúdios Disney.

Apesar de tantas mudanças no filme de 2017, a obra apresenta todo o sentido e emoção da fonte, mantendo o foco da história, porém atualizando a forma que ela segue, como por exemplo, a problematização de alguns comportamentos dos personagens masculinos da trama. De acordo com Hutcheon (2011), a adaptação deve ser capaz de ser reconhecida como relacionada à obra original ao mesmo tempo em que oferece algo novo e inovador. Essa dualidade permite que a adaptação seja simultaneamente uma homenagem e uma contribuição criativa. E podemos ver isso com as alterações realizadas no filme, apesar deles trazerem toda essa atualidade, eles tomam o cuidado para não acabarem fugindo da obra fonte.

Adaptações como as refilmagens podem inclusive expor um propósito misto: “homenagem contestadora” (GREENBERG, 1998, p.115), edipianamente ciumenta e, ao mesmo tempo, veneradora (HORTON; MCDOUGAL, 1998b, p. 8). Se a ideia de fidelidade não deveria hoje guiar nenhuma teoria da adaptação, o que, então, deveria? De acordo com sua ocorrência no dicionário, “adaptar” quer dizer ajustar, alterar, tornar adequado. Isso pode ser feito de diversos modos (Hutcheon, 2011, p.28 e 29).

Uma grande diferença que podemos observar entres as obras, é que na animação clássica a ênfase esteja na magia e na fantasia, enquanto o *live action* pode buscar uma abordagem mais prática se aprofundando em elementos mais reais e deixando um pouco da fantasia de lado e explorar os aspectos psicológicos dos personagens de maneira mais profunda. Essa nova perspectiva que é mostrada na história tanto de Bela quanto da Fera, é trazido por Hutcheon como uma abordagem reflexiva da teoria de adaptação, uma ação que é realizada pelos criadores sobre a criação de um significado por trás desta obra, criando uma maior ligação com esses personagens, isso é um dos objetivos de uma adaptação, pois enquanto animação, não é possível ver ao certo o que há por trás das histórias dos personagens, os conhecemos como dois adultos que trazem mágoas que são vistos pelas suas características e forma de se comportar. Bela, pela sua frustração de se sentir diferente de todos e Fera com sua agressividade e isolamento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos este trabalho, era possível perceber o quão já estamos acostumados a não olhar para o príncipe encantado quando se trata de contos de fadas, apesar de seus papéis importantes para a história, muitas vezes suas atitudes acabam passando despercebidas por muitos dos telespectadores ou até mesmo esperam sempre o mesmo padrão de personagens masculinos em uma história.

Porém agora, observamos como estes personagens príncipes, como Fera, estão sendo melhores trabalhados nas histórias atuais. Fera que antes era apresentada como rude e egoísta, agora é desenvolvida de maneira mais complexa, revelando uma vulnerabilidade e humildade que não estava tão evidente na animação original. Essa transformação reflete uma evolução na compreensão da masculinidade, destacando a importância da redenção, do aprendizado e do crescimento emocional. A inclusão de um personagem que se identifica como LGBT no *live action* é particularmente significativa, pois representa um avanço em termos de representatividade na mídia. Analisar as adaptações de “A Bela e a Fera”, não apenas mostra a evolução da representatividade masculina, mas também nos apresenta uma sensibilidade por parte dos criadores de mídia para abordar questões sociais emergentes.

Com isso, concluímos que ao observar a evolução da masculinidade nas diferentes versões da obra original, ao longo do tempo, é possível perceber que houve uma mudança substancial na representação dos personagens masculinos. Esse tipo de transformação, não se reflete somente nas mudanças sociais e culturais, mas também mostra um esforço consciente de criadores como os estúdios Disney, em apresentar modelos masculinos mais positivos e alinhados com as expectativas contemporâneas. As adaptações, com suas novas formas de representação masculina, contribuem para uma narrativa com mais riqueza e relevância, além de transmitirem mensagens construtivas sobre a identidade de gênero e relações interpessoais.

## REFERÊNCIAS

**A bela e a fera.** Direção de Gary Trousdale e Kirk Wise. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1991.

**A bela e a fera.** Direção de Bil Condon. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2017.

**Acesso à leitura ainda é desafio no Brasil. Como formar mais leitores? .**

Pró-Saber São Paulo, 2023. Disponível em:

<https://prosabersp.org.br/acesso-a-leitura-ainda-e-desafio-no-brasil-como-formar-mais-leitores/#:~:text=Brasil%20perdeu%204%2C6%20milhões,parte%2C%20nos%20últimos%20três%20meses..> Acesso em: 09/11/2023

**BEAUMONT**, Jeanne-Marie. Contos de Fadas em suas versões originais. Tradução: Cláudia Mello Belhassof, Felipes Lemos, Kamila França, Ariane Muniz e Carolina Caires Coelho. São Caetano do Sul, SP: Wish, 2019.

**BENJAMIN**, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

**HUTCHEON**, Linda. Uma teoria da adaptação. Tradução: André Cechinel. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

**MCFARLANE**, Brian. Novel to Film: An Introduction to the Theory of Adaptation. Oxford: Clarendon Press, 1996.

**NOVAES**, Edmarcius Carvalho; **GROSSI**, Miriam Pillar. Maculidades em foco: Diferentes perspectivas teóricas sobre ser homem. In: Anais do 10º CONINTER - CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES. Anais...Niterói(RJ) Programa de Pós-Graduação em, 2021. Disponível em:  
<https://www.even3.com.br/anais/xc22021/437869-MASCULINIDADES-EM-FOCO--DIFERENTES-PERSPECTIVAS-TEORICAS-SOBRE-SER-HOMEM>. Acesso em: 09/11/2023

**STAM**, Robert. Introdução. In: A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

**ZIPES**, Jack. Fairy Tales and the Art of Subversion. Routledge, 2007.